

ENTRE RESISTÊNCIA E INTERDIÇÃO: A DISPUTA DISCURSIVA SOBRE O TRIÂNGULO ROSA

Adilson Carlos Batista¹

Leandro Tafuri²

Resumo: Com base na Análise de Discurso de orientação pecheutiana, este artigo examina a repostagem do triângulo rosa por Donald Trump em sua rede social. O símbolo é abordado como um enunciado-imagem em disputa, que mobiliza tanto a memória da perseguição nazista quanto o sentido de resistência atribuído pela comunidade LGBTQIA+. A investigação analisa como esse signo de sobrevivência é ressignificado pela extrema direita, evidenciando as relações ideológicas envolvidas na manipulação de narrativas históricas por líderes políticos. Discute-se, sobretudo, como o discurso atua na legitimação ou contestação de estruturas de exclusão, refletindo sobre os mecanismos de interdição de grupos sociais pela linguagem e as dinâmicas de poder e significação que daí emergem.

Palavras-chave: Discurso. Memória. Triângulo Rosa. LGBTQIA+

BETWEEN RESISTANCE AND PROHIBITION: THE DISCURSIVE STRUGGLE OVER THE PINK TRIANGLE

Abstract: Based on Pecheutian Discourse Analysis, this article examines Donald Trump's reposting of the pink triangle on his social media. The symbol is addressed as a disputed enunciative-image, mobilizing both the memory of Nazi persecution and the meaning of resistance attributed by the LGBTQIA+ community. The study analyzes how this survival sign is resignified by the far right, highlighting the ideological relations involved in the manipulation of historical narratives by political leaders. It further discusses how discourse operates in the legitimation or contestation of exclusionary structures, reflecting on the mechanisms of social group interdiction through language and the complex dynamics of power and meaning that emerge from it.

Keywords: Discourse. Memory. Pink Triangle. LGBTQIA+.

[...] Manipular o passado é uma fantasia onipotente que habita permanentemente os grandes deste mundo, bem como controlar a grande narrativa que vai formar as consciências de maneira direta ou indireta, deixar monumentos, datas, festas, nomes (ROBIN, 2016, p.215)

1 Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: adilsoncurt@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4666348879980015>

2 Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, professor na UniGuairacá. E-mail: professortafuri@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4412467180377206>

Introdução

A epígrafe com a qual iniciamos este texto evidencia a estreita relação entre poder e memória, apontando que a manipulação do passado constitui uma prática recorrente entre os que ocupam posições de destaque social e político. Ao intervir nas narrativas históricas, esses sujeitos não apenas reorganizam acontecimentos e signos, mas produzem sentidos que visam moldar consciências individuais e coletivas. Monumentos, festas, datas e símbolos tornam-se, assim, dispositivos discursivos de poder, inseridos em uma disputa permanente pela significação de sentidos.

Nesse cenário, o triângulo rosa, originalmente utilizado pelo regime nazista para marcar e estigmatizar homossexuais nos campos de concentração, ressurge como um enunciado em disputa. Se por um lado ele carrega a memória da perseguição e da violência, por outro, foi ressignificado como emblema de resistência e sobrevivência pela comunidade LGBTQIA+. No entanto, quando apropriado pela extrema direita contemporânea, esse símbolo passa a compor novas estratégias discursivas que tensionam a história e atualizam relações de exclusão.

Com base na Análise de Discurso pecheutiana, este artigo busca compreender esse processo, investigando como a repostagem do triângulo rosa por Donald Trump em sua rede social exemplifica a manipulação de narrativas históricas. Interessa-nos, sobretudo, analisar como o discurso opera na legitimação ou contestação de estruturas de exclusão, evidenciando os mecanismos pelos quais a linguagem funciona como espaço privilegiado de disputa ideológica e produção de sentidos.

Condições de produção do enunciado-imagem

No dia 19 de fevereiro de 2025, na página do The Washington Times, foi postado

pelo colunista Jeremy Hunt o artigo “Army recruitment ads look quite different under Trump” (Os anúncios de recrutamento do Exército parecem bem diferentes com Trump (Tradução nossa)).

Texto-imsgerm 1 - Postagem no The Washington Times

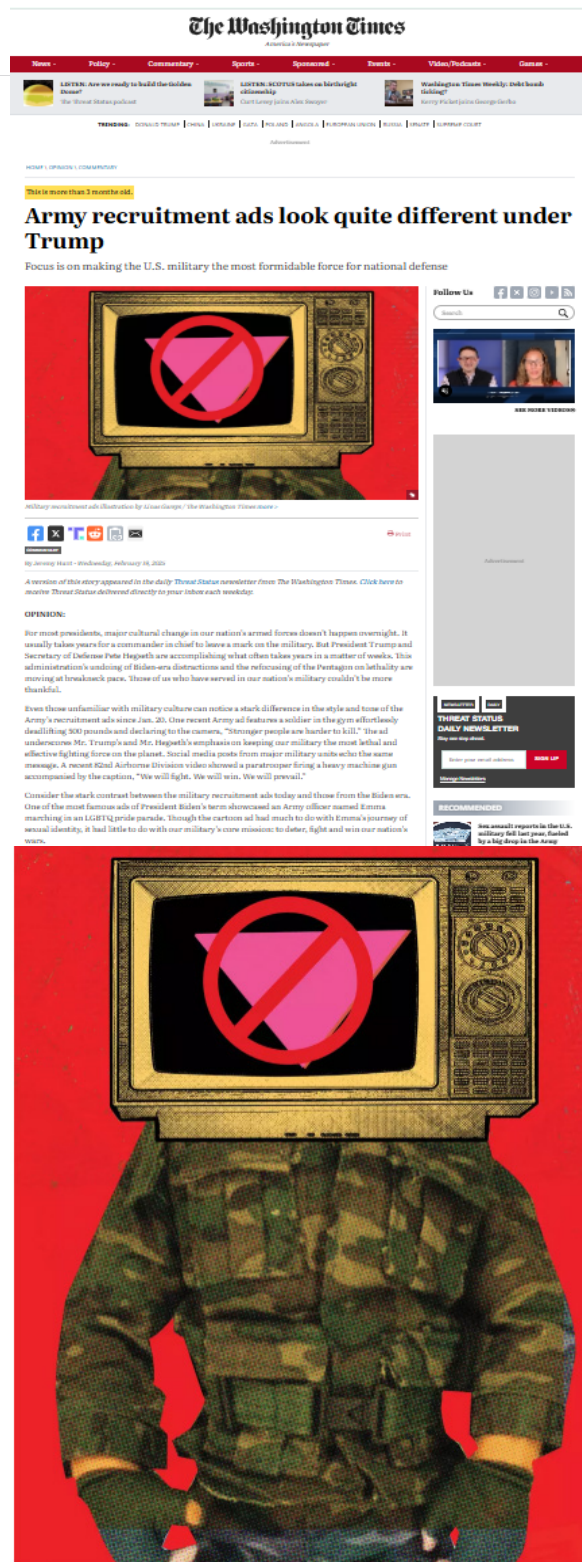


Ilustração de anúncios de recrutamento militar por Linas Gareys / The Washington Times

De forma bem resumida o texto em tela descreve a rápida transformação nas Forças Armadas dos EUA sob o comando do presidente Trump e do secretário de Defesa Pete Hegseth, que, em poucas semanas, promoveram mudanças culturais e estratégicas que normalmente levariam anos. A nova gestão reverteu políticas da era Biden, priorizando a letalidade e a eficácia militar, em vez de agendas sociais. Isso se reflete nos anúncios de recrutamento, que agora destacam treinamento de combate e força física, contrastando com campanhas anteriores que focaram em temas como identidade LGBTQIA+. Como resultado, os números de alistamento aumentaram significativamente, atingindo os melhores índices em mais de uma década. A ex-secretária do Exército Christine Wormuth, do governo Biden, admitiu que ajustes nos anúncios - mostrando mais ação militar - ajudaram no recrutamento, mas a mudança efetiva só ocorreu com a nova liderança. O texto conclui que o foco renovado na missão central das Forças Armadas - defesa nacional e combate - está atraindo mais jovens e fortalecendo a segurança do país, abandonando distrações com pautas secundárias. Entretanto, não vamos nos ater à publicação do jornal The Washington Times e sim analisar a repostagem realizada por Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, uma figura central da política global, em sua conta no Truth Social, sua rede social particular.

Texto-imagem 2 - Repostagem do Triângulo Rosa por Donald Trump



Para isso, vamos considerar a disciplina de interpretação criada por Michel Pêcheux - Análise de Discurso, na França, e ampliada no Brasil por meio de seus estudiosos e teóricos.

Para a leitura de análise e a interpretação da postagem de Trump, vamos conceituar a imagem do triângulo rosa como enunciado-imagem, isso porque, segundo Venturini ([2009], (2024), a imagem funciona como espaço interdiscursivo e não como ilustração, neste caso, ela significa e produz sentido. O discurso de Trump se apresenta de forma “óbvia” e “natural”, como se a proibição fosse uma consequência lógica da existência LGBTQIA+. No entanto, essa “obviedade” é uma construção ideológica que busca mascarar as relações de poder e a violência simbólica subjacentes. Daí, nos questionamos: Como um símbolo de resistência e sobrevivência para a comunidade LGBTQIA+ foi ressignificado? Que relações de poder estão em jogo quando um líder político como Donald Trump manipula narrativas históricas de perseguição? E, principalmente, como o discurso opera na construção de sentidos que legitimam ou contestam estruturas de exclusão? Ao examinar essas questões, buscamos não apenas compreender a dimensão simbólica da repostagem de Trump, mas também refletir sobre o papel da linguagem na manutenção ou na ruptura de discursos opressivos, visto que o processo de criação de um discurso nunca começa do zero. Na verdade, todo discurso se baseia em algo que já foi dito anteriormente, utilizando-o como ponto de partida (PÊCHEUX, 2010).

Trump ao fazer referência a um evento que já foi tema de outros discursos, sabe que está ativando na mente de seus leitores e seguidores as interpretações prévias desse acontecimento. Essas interpretações podem ser alteradas pela situação atual e Trump pode usá-las a seu favor. Para Pêcheux (2009), o discurso não é um mero ato comunicativo, mas um processo material imerso em condições históricas e ideológicas

específicas. Nesse sentido, começamos nossas análises considerando que o enunciado-imagem em questão combina um triângulo rosa com um sinal de proibição sobreposto, inserido em uma TV que funciona como a cabeça de um soldado. Considerando as condições de produção “como lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 2010, p. 81), quem assume a posição sujeito desse discurso é Donald Trump, filiado a uma formação discursiva de extrema direita conservadora. Para Michel Pêcheux (2009) FD é aquilo que, dentro de um determinado contexto ideológico, e considerando a posição de alguém em uma conjuntura específica – que é moldada pelo cenário da luta de classes – define-se o que é permitido e até mesmo esperado que seja comunicado, assumindo diferentes formas, como um enunciado-imagem, porque [...] “a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2009, p. 238), neste caso, extrema direita, e é a partir desta identificação que o sentido é produzido como evidência, simultaneamente, e assim o “sujeito é ‘produzido como causa de si’” (PÊCHEUX, 2009, p. 238).

Para o filósofo, o sujeito não é autônomo, mas interpelado pela ideologia. É ela que [...] através do “hábito” e do uso, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de desvios linguisticamente marcados entre a constatação e a norma que funcionam como um dispositivo de retomada do jogo (PÊCHEUX, 2009, p. 146). Trump, como sujeito do discurso, não é o “criador” isolado do sentido da imagem, mas é atravessado por formações ideológicas conservadoras que o preexistem. Sua repostagem é um ato de intradiscurso que mobiliza memórias e pré-construídos, na medida em que ele aciona elementos de sua própria memória discursiva e de sua formação discursiva ideológica para produzir sentido em um contexto de polarização

política e disputas sobre direitos LGBTQIA+, ascensão de movimentos conservadores em que setores da direita estadunidense intensificam discursos contra a “ideologia de gênero” e políticas inclusivas, ou seja, “algo fala antes, em outro lugar e independentemente”, conforme Pêcheux (2009, p. 142). Isso remete ao discursivo que constitui todo o dizer no eixo vertical das formulações, ou seja, sua ancoragem de sentido reside em formulações feitas em momentos anteriores e “esquecidas”. Por isso, conforme Orlandi (2010, p. 22), “não temos o controle de como os sentidos se formam em nós, sujeitos. Assim, todo dizer se acompanha de um dizer já dito e esquecido que o constitui em sua memória”.

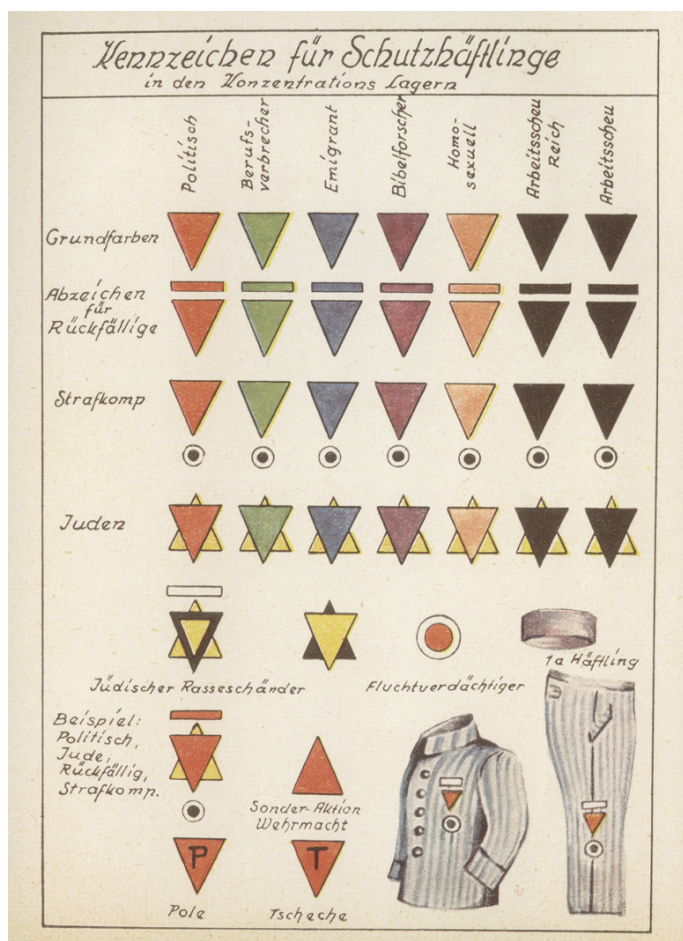
Essa formação discursiva conservadora busca naturalizar a exclusão de identidades dissidentes, apresentando-as como ameaças à “família tradicional” ou à “moralidade”. Essa repostagem não está isolada, pois se insere numa cadeia interdiscursiva global, em consonância com políticas de governos de extrema-direita que também promovem discursos de exclusão como na Hungria, sob Viktor Orbán, leis restringem conteúdos LGBTQIA+ sob o pretexto de proteção infantil, enquanto o Estado nega o reconhecimento legal de pessoas trans; Na Rússia, a chamada “lei de propaganda gay” legitima perseguições, associando diversidade sexual à degeneração cultural ocidental, como afirmou o próprio Putin; Na Polônia, a criação de “zonas livres de ideologia LGBT” e a retórica eleitoral do partido Lei e Justiça revelam um projeto de marginalização institucionalizada. No Brasil, durante o governo Bolsonaro, declarações públicas e omissões políticas contribuíram para a perpetuação de um ambiente hostil, refletido nos altos índices de violência contra pessoas trans, conforme dados do Grupo Gay da Bahia (2022). Esses contextos sinalizam que o gesto de Trump é parte de uma formação discursiva transnacional, que ressignifica a memória da perseguição (como a do triângulo rosa) para

instaurar novos interditos.

A transformação de pautas LGBTQIA+ em questões de “segurança nacional” — como observado na Rússia e na Hungria — evidencia como esses discursos operam na produção de sentidos que legitimam políticas excludentes. No entanto, a memória discursiva é um terreno de disputa, a ressignificação do triângulo rosa como símbolo de interdição não apaga sua história, mas reacende o embate por sua significação.

As condições de produção, como dispositivo, conforme Leandro-Ferreira (2020), são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso que, juntamente com a linguagem, estabelece o sentido do texto de forma restrita — circunstância da enunciação — ou em sentido amplo — contexto sócio-histórico-ideológico. As relações entre pessoas de mesmo sexo sempre foram constituídas de acordo com suas condições de produção. Inicialmente, por questões culturais e morais, essa relação foi designada como pederastia, significando — dentro da filosofia — seres temperantes. Posteriormente, por meio do discurso religioso, tornou-se sodomia, remetendo ao pecado e, em seguida, significando crime para o próprio Estado. Mais tarde, houve o uso da designação homossexualismo, significando os praticantes dessa relação como doentes. Por último, a relação é designada homossexualidade, significando sujeitos de direito, e outras variantes que podem ressoar injúrias e violência simbólica ou afirmação de luta, como as designações sapatão, bicha, gay, travesti (BATISTA, 2015). Dessa forma, os sujeitos LGBTQIA+ foram sendo significados e ressignificados, produzindo memórias, porque essas mudanças no discurso estão relacionadas ao que Michel Pêcheux chama de deslizamento de sentido. Em seguida, entrou na ordem da repetibilidade como pecador, criminoso e doente, configurando-se como prática, porque as palavras formam redes e reformulações,

repetindo-se de diferentes formas estruturais no discurso, mudando o sentido ou fazendo-o permanecer, já que “o discurso é uma das instâncias materiais da ideologia” (COURTINE, 2016, p. 51). Nesse sentido, a repostagem de Trump ressoa a repetibilidade como mais um resultado que torna contínuas as reproduções de discursos alimentados por uma memória discursiva de existência histórica que sinaliza que os sujeitos LGBTQIA+ são discursivizados como pecadores, doentes e criminosos (BATISTA, 2022). Isso porque, para a Análise do Discurso (AD), a repetição pode ocorrer “sincronicamente” no fio de seu desenrolar e “diacronicamente” no fio do tempo, em que “os mesmos temas, as mesmas formulações, as mesmas figuras retornam, reaparecem” (COURTINE, 2016, p. 45). Na ordem da repetibilidade está o triângulo rosa como enunciado-imagem de uma memória. Essa, segundo PÊCHEUX (1999, p. 50), seria “aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler”, porque ela vai “restabelecer os implícitos (quer dizer, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Para Pêcheux (2009), de um lado, uma mesma palavra (ou sintagma), empregada em discursos diferentes, pode não possuir o mesmo significado, já que este desliza sob o significante. Por outro lado, um mesmo significado pode ser representado por significantes diversos no interior de um mesmo discurso. O mesmo ocorre com o triângulo rosa. Ele foi utilizado como um símbolo pelo regime nazista durante o Holocausto para identificar e perseguir homens homossexuais em campos de concentração, assim como várias cores foram usadas para identificar cada categoria de “indesejável” — amarelo para judeus, marrom para ciganos, vermelho para presos políticos, verde para criminosos, preto para antissociais, roxo para Testemunhas de Jeová, azul para imigrantes e rosa para homossexuais conforme figura 3.



Fonte: <https://khc.qcc.cuny.edu/jacket/themes/dehumanization-categorization/>



Fonte: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos) Fonte: <https://www.rfi.fr/br/podcasts/rendez-vous-culturel/20220218-paris-memorial-do-holocausto-exp%C3%B5e-o-inferno-dos-homossexuais-na-europa-nazista>

Quando os sujeitos homossexuais chegavam nesses campos, além de receber o triângulo rosa, eram segregados de todas as outras pessoas, sendo separados dentro da própria segregação (BATISTA, 2015). Eles sofriam extrema violência, incluindo trabalhos forçados, experimentos médicos brutais e assassinatos. Eram frequentemente isolados e alvos de abusos tanto dos guardas quanto de outros prisioneiros. Tudo isso se deu em função das perseguições nazistas a homossexuais baseadas no Parágrafo 175 do código penal alemão (que criminalizava relações sexuais entre homens). Sob Hitler, essa lei foi ampliada em 1935, levando à prisão de cerca de 100 mil homens, dos quais aproximadamente 50 mil foram condenados e 5 a 15 mil enviados a campos de concentração. O Parágrafo 175 permaneceu em vigor na Alemanha Ocidental até 1969, totalmente abolido somente em 1994.

O sinal de proibição sobre o triângulo rosa reafirma e ressoa a memória de proibição desses sujeitos não só para as forças armadas, porém para viver em sociedade, visto que a posição sujeito de presidente de um país discursiviza em nome do povo. Isso também ressoa que os sujeitos LGBTQIA+ são algo a ser combatido e reprimido ou banido do social, mais uma das formas em que o discurso conservador tenta silenciar esses sujeitos. Assim, reatualiza um imaginário de exclusão “efeito de uma memória” (COURTINE, 2014, p. 106) iniciada em outros tempos e lugares. Esse processo não é acidental, mas parte de uma formação imaginária que busca construir o outro (neste caso, a comunidade LGBTQIA+) como inimigo, legitimando ações de silenciamento e repressão para que eles continuem sendo significados como criminosos, pecadores e doentes, retomando uma ideologia Nazista em que o homossexual era considerado degenerado do ponto de vista médico da raça ariana.

O acontecimento da repostagem de

Trump, portanto, não é isolado, mas ecoa e amplifica discursos já existentes, reforçando certas formações discursivas em detrimento de outras. Ela faz parte de uma estratégia discursiva global articulada por governos e movimentos de extrema-direita, conforme sinalizado acima. Nos últimos anos, observa-se um crescimento alarmante de legislações e discursos que visam marginalizar — a — comunidade — LGBTQIA+, frequentemente utilizando retóricas de “proteção à família tradicional” ou “combate à ideologia de gênero”. Essas narrativas, ao mesmo tempo que se apresentam como defensoras de valores conservadores, reativam estereótipos históricos de exclusão, em um processo que identifica diferentes interdiscursos — a relação entre diferentes formações discursivas em contextos distintos. Lembrando que, para a AD, os sentidos não são fixos, mas disputados.

O triângulo rosa, enquanto materialidade linguística, é polissêmico e seus sentidos dependem das formações discursivas em que está inserido e das posições sujeito que o enunciam. No discurso de Trump, o triângulo rosa ressoa ameaça e necessidade de controle e traz consigo as memórias apresentadas, significando a interdição. O pré-construído histórico do triângulo rosa é subvertido, buscando-se criar um novo real da língua que se alinha com a agenda conservadora. Por outro lado, para o movimento LGBTQIA+, o símbolo de triângulo rosa que remete à violência do nazismo, é também um emblema de resistência da comunidade, e sua história insiste — por meio de movimentos sociais e ativismos — em produzir outros sentidos, centrados no orgulho e na dignidade.

O triângulo rosa, originalmente usado pelos nazistas para identificar e humilhar homossexuais em campos de concentração, foi ressignificado pelo movimento LGBTQIA+ como um símbolo de resistência e memória. Nos anos 1970, o grupo alemão Homosexuelle

Aktion Westberlin (HAW) o recuperou como um protesto contra a discriminação e em memória às vítimas da perseguição nazista. O símbolo ganhou ainda mais força nos anos 1980, quando foi adotado pelo grupo americano ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power). Eles inverteram o triângulo, apontando-o para cima, e o combinaram com a poderosa frase “Silêncio = Morte (Silence = Death)” para denunciar a inércia dos governos e o silêncio que agravava a epidemia de AIDS, transformando-o em um chamado urgente por ação.

Texto-imagem 4 - Triângulo Rosa como resistência



Fonte: <https://www.sfpublishpress.org/long-term-aids-survivors-launch-advocacy-movement/>

A partir dos anos 1980 e 1990, com a redemocratização e a ascensão do movimento gay no Brasil, o triângulo rosa passou a ser utilizado em manifestações, cartazes e materiais de ativismo. Sua adoção estava alinhada com a luta contra a AIDS, que atingiu fortemente a

comunidade gay brasileira, assim como ocorreu nos EUA e Europa. Organizações como o Grupo Gay da Bahia (GGB) e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT) trouxeram o símbolo para o debate público, associando-o à resistência contra a discriminação e à memória das vítimas LGBTQIA+ da violência de Estado, em 1985 foi criado o grupo Triângulo Rosa no Rio de Janeiro, em 1987 e 1988 este grupo esteve à frente do processo constituinte para tentar incluir na Carta Maior o crime motivado por orientação sexual (Quinalha, 2021; TREVISA, 2018).

Em 2017, o fechamento da exposição Queermuseu no Santander Cultural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sob a alegação de conteúdo impróprio, gerou uma onda de protestos. Durante as manifestações, um cartaz em particular se destacou, fazendo uma releitura do icônico lema “Silence = Death” (Silêncio = Morte) do grupo ativista americano ACT UP, que lutou contra a epidemia de AIDS nos anos 1980. A mensagem, adaptada para “Silence = Censura e Death = Morte”, ressignificou o lema original para o contexto brasileiro. Ela não apenas denunciou a censura artística, mas também reforçou a ideia de que o silêncio diante da intolerância e da violência contra a comunidade LGBTQIA+ é igualmente letal.

Texto-imagem 5 - Triângulos como resistência no Brasil



Assim, o triângulo rosa não é apenas um lembrete do passado sombrio, mas também um farol contínuo na busca por justiça, igualdade e respeito, significando também a luta e a resistência para a comunidade LGBTQIA+.

Efeito de fechamento

Discursivamente, pela memória discursiva, conseguimos significar como o triângulo rosa produziu e produz sentidos pelo processo histórico-social de produção da linguagem, recuperando do interdiscurso os dizeres ditos em outros momentos, em outros lugares e os atualizando no momento da enunciação, ou seja, repostagem de Trump. Essa memória vem da disputa de interpretações de enunciados anteriores e funciona na estrutura linguística do presente para produzir sentidos e silenciar outros.

O sinal de proibido sobreposto ao triângulo rosa, vimos que não apenas significa, mas performa um gesto político que ecoa práticas de exclusão, instaurando uma formação discursiva que silencia a memória de resistência LGBTQIA+ e a reinscreve em uma lógica de ameaça, pois o triângulo rosa – símbolo de luta e sobrevivência – é ressignificado como marcador de perigo, ativando estereótipos que reforçam a marginalização.

A construção discursiva de Trump projeta uma forma-sujeito de “guardião dos valores”, ao passo que posiciona a comunidade LGBTQIA+ como “ameaça”. O enunciado-imagem, portanto, não é neutro: é violência simbólica e ideológica, que busca apagar trajetórias de resistência ao inscrevê-las em um novo regime de sentido. Esse movimento opera por meio da naturalização de uma equivalência entre identidade LGBTQIA+ e risco, uma estratégia típica de formações discursivas autoritárias como da extrema direita.

A transformação de pautas LGBTQIA+ em questões de “segurança nacional” evidencia como esses discursos operam na produção de sentidos que legitimam políticas excludentes. No entanto, a memória discursiva é um terreno de disputa, a resignificação do triângulo rosa como símbolo de interdição não apaga sua história, mas reacende o embate por sua significação. O símbolo, que remete à violência do nazismo, é também um emblema de resistência da comunidade LGBTQIA+, e sua história insiste — por meio de movimentos sociais e ativismos — em produzir outros sentidos, centrados no orgulho e na dignidade.

A Análise do Discurso de linha pecheutiana permitiu analisar os efeitos ideológicos implicados nesse gesto. Compreender esses mecanismos é essencial para que a crítica discursiva e os movimentos sociais possam intervir na ordem do discurso, resgatando o triângulo rosa como marca de resistência, não de apagamento.

Referências:

- BATISTA, Adilson Carlos. Efeitos de Sentidos sobre a designação homoafetividade produzidos na/pela mídia. 176 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Cleci Venturini. Guarapuava, 2015.
- BATISTA, Adilson Carlos. A trajetória histórico-social e discursiva da existência e resistência dos sujeitos LGBTQIA+: legitimação, silenciamento, apagamento ou desconstrução? Tese (Doutorado) 2022 - Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/80345> . Acesso em 10 de mar. 2025.
- CÂMARA, Cristina. Pecado, doença e direitos: a atualidade da agenda política do grupo Triângulo Rosa. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1^a ed. São Paulo: Alameda, 2018. (p.193-209).
- COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a Análise de Discurso. Trad. Maria Onice Payer. In: CONEIN, Bernard. et al. (Orgs). Materialidades discursivas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 33-53.
- COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçados aos cristãos [1981]. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- GREEN, James N.; QUINALHA, Renan.; CAETANO Márcio.; FERNANDES, Marisa (Org.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1. Ed. São Paulo: Alameda 2018.
- GREEN, James N. Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências pioneiras do Grupo Somos de São Paulo. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018 (p.63-78).
- HUNT, Jeremy. Army recruitment ads look quite different under Trump - Focus is on making the U.S. military the most formidable force for national defense. Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2025/feb/19/army-recruitment-ads-look-quite-different-trump/> . Acesso em: 28 de mai. 2025.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Glossário De Termos Do Discurso. 2^a ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Triângulo Rosa e

um número de Identificação de prisioneiro. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/podcasts/rendez-vouscultural/20220218-paris-memorial-do-holocausto-exp%C3%B5e-o-inferno-dos-homossexuais-na-europa-nazista>. Acesso em: 12 mar. 2022.

ORLANDI, Eni. P. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni P. (Org.). Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010a, p. 13-31.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2010. p. 59-58.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso – Estrutura ou Acontecimento. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. ACHARD, Pierre. et al. Campinas - SP: Pontes Editores, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e outros. 4. ed. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2009.

QUINALHA, Renan. Contra a Moral e os Bons Costumes – A Ditadura e a Repressão à Comunidade LGBT, Coleção Arquivos da Repressão no Brasil. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUINALHA, R. H. Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). Doutorado em Relações Internacionais – São Paulo: Universidade de São Paulo, 6 jul. 2017.

ROBIN, Régine. A Memória Saturada. Tradução Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

SAN FRANCISCO PUBLIC PRESS. Long-Term AIDS Survivors Launch Advocacy Movement. Disponível em: <https://www.sfpublicpress.org/long-term-aids-survivors-launch-advocacy-movement/>. Acesso em 20 de mar. 2025.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso – A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva 2018.

TREVISAN, João Silvério. Somos o quê mesmo?. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p.137-155.

VENTURINI, Maria Cleci. Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração. 2ª. Ed. Fundo: Pontes Editora, 2024.

Submissão: agosto de 2025

Aceite: setembro de 2025.